
Apresentação

Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada*

Matheus Nogueira Schwartzmannⁱ

Luiza Helena Oliveira da Silvaⁱⁱ

[...] a mudança adquire, às vezes, o caráter de uma abertura das perspectivas, quando não o de uma transgressão consensual das coerções epistemológicas. O que era proibido é então questionado e torna-se novamente possível; o que era excluído volta ao domínio das preocupações.

(Jacques Fontanille, *Semiótica do discurso*, 2007, p. 22.)

O bambu que se curva é mais forte que o carvalho que resiste.

(Provérbio japonês.)

Ao tratar dos desenvolvimentos teóricos da semiótica discursiva, Jacques Fontanille, em entrevista a Jean Cristtus Portela, afirma que “fazer viver uma escola de pensamento” não é repeti-la identicamente, à exaustão, mas “explorar o impensado, levá-la ao seu limite, experimentar caminhos transversais e confrontá-la com o seu próprio silêncio” (PORTELA, 2006, p. 184).

A questão da “repetição”, ou mais propriamente, da *continuidade*, se coloca, aparentemente, em resposta a um certo senso comum que se estabeleceu em torno da disciplina, de que ela estaria presa a um hermetismo datado, pouco afeita a dialogar com outras áreas. Seu *silêncio* teria assim raízes numa espécie de “recusa à ideologia” que fez a disciplina se interessar, de início e por muito tempo, “por objetos de análise etnoliterários e literários e, frequentemente, desconectados de sua época” (PORTELA, 2019, p. 134), e parecer centrada em problemas estáticos e distantes dos movimentos da sociedade. Isso não é

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.203773>.

ⁱ Docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL-Assis) e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (FCL-Araraquara), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis/ Araraquara, SP, Brasil. E-mail: matheus.schwartzmann@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2887-3570>.

ⁱⁱ Docente do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína, TO, Brasil. E-mail: luiza.to@uft.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5886-6809>.

exatamente verdade. As escolhas teóricas e metodológicas, a constituição do *cópus*, são o exercício de atores sociais (pesquisadores, docentes, teóricos) que fazem, estes sim, certas escolhas. Nos seus gestos é que se encontram as tendências mais abertas ou mais fechadas, mais da ordem da mistura ou mais da ordem da triagem, que podem indicar conjuntos de valores (ideologias, formas de vida) sobre um ideal de pesquisa, um ideal de formação acadêmica, e sobre o próprio papel da semiótica na produção e na circulação do conhecimento.

Quanto a esses procedimentos, Waldir Beividas e Ivã Carlos Lopes, em importante reflexão-balanço sobre a identidade da disciplina, apontam que, a despeito de “iniciativas episódicas” (2012, p. 46), houve sempre fraca disposição dos semioticistas em ir na direção de outros campos. Segundo os autores, seria prudente “manter uma constante atitude de abertura ao diálogo”, o que de modo algum afetaria a “desejável atitude de rigor e vigilância” (2012, p. 44).

O rigor parece ser um núcleo importante do sentido da teoria, cuja vocação científica surge no horizonte como estandarte. Ao narrar a sua “história concisa da semiótica”, Anne Hénault (2006 [1992]) apresenta um percurso marcado por três “sínteses”, que mapeiam a “evolução” de uma semiótica formal, *epistemologicamente sólida*, que, no entanto, “principalmente nos seus desenvolvimentos mais recentes” (HÉNAULT, 2006, p. 152) – os da década de 1990 –, caminha na direção de teses *ideologicamente sensíveis e frágeis*. Hénault ainda se questiona se, para avançar, valeria a pena “pagar o preço” de um “recuo do rigor”. Alinhado a essa lógica de uma genealogia conservadora, no início deste século, Claude Zilberberg chegou a tratar a “virada fenomenológica” como uma “intimação” que poderia levar a semiótica a se afastar “de sua dupla referência, saussuriana e hjelmsleviana” (ZILBERBERG, 2011, p. 12). Quem sai aos seus não degenera?

Em contraste com esse discurso, o próprio A. J. Greimas (1975, p. 17) já afirmava que “os progressos da semiótica consist[iam] na *ampliação de seu campo* de manobras, na maior exploração das possibilidades estratégicas da apreensão da significação”, deixando cada vez mais de considerar o sentido “como o encadeamento linear e uniplano das significações nos textos e nos discursos”. Para ele, a semiótica, entendida como uma *práxis histórica*, teria “que manipular conteúdos axiológicos e ideológicos” e ser capaz de transformar esses conteúdos, “considerando sua transformação como o sentido último do seu fazer” (GREIMAS, 1975, p. 15).

Aparentemente, em uma direção distinta da de Hénault e Zilberberg, em diálogo com A. J. Greimas, no final dos anos 1980, José Luiz Fiorin chamava a atenção para a necessidade de se fazer um “cuidadoso balanço do que a Linguística fez, deixou de fazer ou pod[ia] fazer, pois viv[ia] ela uma crise epistemológica”. Ao eleger a instância do discurso aquela capaz de permitir uma “reflexão ampla sobre a linguagem, que lev[asse] em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens (FIORIN, 1988, p. 6), parecia localizar na semiótica discursiva uma possibilidade de virada que levaria a uma resolução da crise.

Como lembram bem Portela e Lopes (2014, p. 90) “a ideia de rigor formal encontra eco no projeto greimasiano desde *Sémantique structurale* (GREIMAS,

1966), obra na qual a veleidade matemática da semiótica é patente”. No entanto, com uma análise fina sobre a prática teórica da semiótica, os autores mostram que, por vezes, o próprio Greimas “em meio à edificação do exercício”, acolhia em suas análises “insólitos insights” (PORTELA; LOPES, 2014, p. 104). Ou seja, nem só de rigor vive a semiótica.

Os problemas provocados pelo interesse cada vez maior da teoria pela corporeidade e pelos objetos que ancoram sua experiência no mundo natural, pelas práticas sociais e pelos modos de existência das coletividades, levaram ainda a reflexões como as de Jean-Marie Floch, de Eric Landowski, e do já citado Jacques Fontanille, por exemplo, que romperam barreiras metodológicas erigindo as bases de uma semiótica mais “aberta” (BOUTAUD, 2007) e “extrovertida” (LANDOWSKI, 2004).

No Brasil, essa abertura tem se concretizado graças aos trabalhos pioneiros de Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin que, direta ou indiretamente, trataram e ainda tratam dos problemas relativos ao preconceito, à intolerância, ao autoritarismo e à opressão. Barros, especialmente, tem tratado não apenas da dimensão social do discurso, mas buscado discutir os problemas relativos à própria realidade social brasileira, propondo “projetos de pesquisa sociais” que dão conta de discursos e práticas marcados ou que marcam a exclusão, a segregação, o preconceito e a intolerância.

Ainda que se tenha evitado, na tradição greimasiana, o emprego de termos como *social*, *sociedade*, *cultura* ou *ideologia*, não se pode afirmar que essas dimensões tenham sido negligenciadas. Embora exista uma certa tensão teórico-metodológica, que faz o pesquisador tomar partido desta ou daquela abordagem, “em sua fundação e em sua prática de análise, a semiótica se centra na problemática do valor na sua relação com o sujeito, seja como actante da narrativa seja como ator na enunciação”, interessando-se “pela ideologia sem chamá-la pelo nome” (PORTELA, 2019, p. 138), em uma estratégia que evita a entrada da teoria em um debate “mais que centenário” que pouco tem a acrescentar à sua epistemologia.

Posições (modos, estilos?) como silêncio, recusa, confronto, crise, mudança, resistência, virada e síntese se estabeleceram não apenas no âmbito da semiótica. As mudanças sociais, culturais e antropológicas fazem nascer, no horizonte das teorias da linguagem, ou mais amplamente, no horizonte das Ciências Humanas e Sociais, novos desafios que exigem ou “convocam” (FONTANILLE, 2016, p. 3) novas abordagens e novas formas de avaliação qualitativa.

Se o século XX trouxe desafios importantes, sobretudo da ordem das tecnologias e das práticas de circulação do sentido, o século XXI tem nos apresentado uma rápida e inédita mudança nos comportamentos sociais e nos modos de organização da sociedade. As novas condições de trabalho, as mudanças no conceito de família, de identidade, de corpo e de afetividade, a ética das relações digitais, as práticas educacionais e de produção de cultura devem nos fazer repensar que papel as ciências do sentido podem hoje desempenhar. Nesse cenário, podemos nós descrever e explicar as práticas sociais que estabelecem os princípios de hierarquização das identidades em meio aos diversos “sistemas sociais”, como os sistemas econômicos (o capitalismo), a

sociedade de classes (a burguesia), a indústria, o comércio, a literatura, entre outros, produzindo uma maior tensão na fronteira entre o “si mesmo” e “outro”. São essas práticas que passam aqui a ser objeto de estudo e de reflexão, na tentativa de trazer luz aos mecanismos discursivos e semióticos que hierarquizam as vidas – muitas vezes a nossas próprias vidas – e nos exigem esgarçar os limites da pesquisa, da análise e da teoria em um amplo exercício de comprometimento.

Finalizamos a organização do presente dossiê da revista *Estudos Semióticos* a poucos dias do segundo turno da votação para presidente da República no Brasil, reconhecendo um país dividido ao meio, seja pelo quantitativo de votos, seja pelos mapas que se multiplicam em diferentes mídias e desenham confrontos entre estados mais ao norte, estados mais ao sul. Nesse cenário, acompanhando as redes sociais, encontramos semioticistas engajados com seus discursos de militância efetiva, tomando partido, assumindo posições. Seus saberes definem modos de ler o mundo e, por isso mesmo, comprometem-nos com o dizer e o fazer diante de um momento extremo. A ciência, tão vilipendiada e desqualificada pelo discurso mítico, faz seu enfrentamento, porque, como sugerimos na chamada do dossiê, há enfrentamentos quanto a discursos e práticas discriminatórios e uma efetiva crise social que faz ser um jeito de ser e fazer ciência, sobretudo, no Brasil. Que movimentos faz, então, a teoria semiótica, nas suas múltiplas perspectivas, quando pensada como um fazer engajado e, portanto, político, no sentido que dá ao termo Eric Landowski, em *O olhar comprometido* (2001)? Que rupturas e desvios a semiótica elabora, ou o que de seu núcleo epistemológico se reitera no exercício de dar sentido a textos, discursos, práticas e formas de vida? Que olhar pode ser esse que não consegue se desviar dos problemas sociais de diferente natureza, operando um chamamento para a urgência de construir sentidos e legibilidade para um mundo sobressaltado por uma sucessão de acontecimentos? As respostas ao nosso convite para esta edição da Revista *Estudos Semióticas* não temem a pretensa impureza e operam, com o devido rigor teórico que faz ser uma semiótica que tem o que dizer a seu tempo, pelos trilhos de uma teoria do engajamento e da mistura.

Com esse espírito, dividimos, o presente número em quatro eixos, nos quais se distribuem os 14 artigos que compõem o dossiê: Identidades e linguagens desviantes; Tensão social no discurso literário; Violência e marginalização; Semiótica implicada.

No primeiro eixo, os autores produzem novas formas de interação na teia da sociabilidade, novas corporeidades e limitam ou expandem as zonas de convivência e os territórios da existência. Assim, em “A questão da marcação linguística da não binariedade”, José Luiz Fiorin analisa a linguagem neutra, partindo do pressuposto de que a linguagem se inscreve como instância de poder e, portanto, também de conflitos e confrontos. Como expressa na citação que faz a Barthes, a língua define um dever dizer, daí sua perspectiva “fascista”, referente ao modo como define uma categorização do mundo. Assim como os detratores da linguagem neutra se valem de aspectos históricos, Fiorin vai ao indo-europeu e ao latim para recuperar estruturas da língua e, como linguista, assumir a posição de que cabe ao cientista não o fazer prescritivo e normativista, mas a descrição

e análise dos fenômenos linguísticos, sendo a linguagem neutra um dos processos em busca de interpretação que envolve, em sua complexidade, questões de ordem social e política.

Verónica Estay Stange, em “L’identité narrative en question: les zones paradoxales de l’expérience”, trata da construção narrativa da identidade, tendo em vista, a despeito de tudo – diferentes papéis actanciais, transformações dos modos de existência – , sua reconhecível persistência ao longo da cadeia sintagmática. Para suas reflexões, concentra o problema na passagem da identidade individual à coletiva, manifesta por relatos de natureza histórica e testemunhos. O texto caminha no sentido de problematizar categorizações pré-fixadas em proveito da complexidade dos atores, como o faz Primo Levi, com sua proposição de “zonas cinzentas” em *Os afogados e os sobreviventes*.

Tendo como fundo o problema do corpo, o texto “Re-pensando a raiva: políticas do corpo ressentido”, de Kati Caetano e Júlio César Rigoni Filho, discute pelo viés da semiótica em diálogo com a filosofia, as “paixões explosivas”, levando em conta estudos de uma estética-política, diferentes contextos e a relativização de sua definição como malevolentes.

Também é do corpo que trata o artigo “Interação e cuidado materno: análise sociosemiótica de histórias de vida de estudantes da área de Letras”, de Naiane Vieira dos Reis, numa abordagem que problematiza relações de gênero e de poder. Naturalizado o cuidado dos filhos como ocupação das mulheres, a pesquisadora aborda a resistência que emerge do afeto e da sensibilidade mobilizada pelas mães estudantes da classe trabalhadora para persistirem na formação, a despeito do que lhes parece já definido pela ordem social que lhes programa inicialmente a exclusão.

Encerrando esse eixo, o texto de Tulio Ferreira Leite da Silva, intitulado “O Pão Que O Viado Amassou: contribuições da semiótica para o processamento de língua natural”, apresenta uma abordagem interdisciplinar para analisar fenômenos lidos como preconceituosos pelos algoritmos usados pelas redes sociais e, portanto, excluídos. Se hoje as máquinas operam levando em conta palavras isoladas, o autor propõe que o conceito de contexto situacional possa colaborar para a otimização de algoritmos de detecção de discursos de ódio, evitando os equívocos que têm incidido sobre os próprios grupos minoritários, como se dá com o caso analisado.

No segundo, trata-se também um sistema de hierarquização, capaz de triar formas de vida e identidades políticas e raciais. É o que demonstra o artigo “Personagens negras de O Cortiço: convergências com estereótipos”, de Eduardo Prachedes Queiroz, que trata das figurativizações de Firmo, o malandro; Bertoleza, a doméstica; Rita Baiana, a mulata sensual. Como defende o autor, pela recorrência de estratégias enunciativas do projeto realista/naturalista, conformam-se no romance visões que se colam a um imaginário social sobre o corpo negro.

Semelhante triagem se opera nos discursos objetos de reflexão de Ana Carolina de Picoli de Souza Cruz e Arnaldo Cortina, que participam do dossiê com o artigo “O Ateneu”, de Raul Pompéia, e o programa das escolas cívico-militares do governo Bolsonaro: espaço-tempo claustrotópico”. Ali, a leitura semiótica

estabelece aproximações entre esse modelo de escola gerenciada por militares e aquela figurativizada pelo romance de Raul Pompéia, referente aos anos iniciais da República. Em tempos de exaltação de movimentos de direita como o *Escola sem partido*, vemos reproduzido na Ecim – Escola civil-militar – um ideário de civismo que visa à submissão e ao adestramento, repercutindo um modelo político de matriz autoritária em nome de supostos valores nacionais, naturalizados pela convocação de uma memória discursiva.

Fechando esse eixo, Leandro Lima Ribeiro, em “A fabricação do inimigo e a política de desigualdade em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado”, analisa no romance do escritor baiano a narrativa de processos de exclusão social de crianças e adolescentes em situação de rua, ao mesmo tempo invisibilizados socialmente, dada sua condição de sujeitos à margem, e ultra-visibilizados pelos mecanismos de punição. Mobilizando categorias da semiótica como as da triagem e da mistura, Ribeiro discorre sobre a atualidade do romance frente ao agravamento da situação de meninos de rua no país, dado do desmonte de políticas públicas nos últimos anos e a crescente criminalização da pobreza.

Abrindo os trabalhos organizados no terceiro eixo, Patrícia Veronica Moreira, Flavia Karla Ribeiro Santos e Jean Cristtus Portela trazem para o dossiê o artigo “Práticas e estratégias de cancelamento virtual”. Considerando o comportamento de usuários das redes sociais, entram em cena práticas por eles analisadas de cancelamento, descancelamento, anticancelamento e linchamento virtual, incidindo sobre modos de presença do outro, mobilização de paixões e experiências comportamentais frente a diferentes formas de vida da violência.

“Interação, desinformação e intolerância: análise de uma fake news sobre o assassinato de Marielle Franco”, de Conrado Moreira Mendes, Natália Giarola Vitti e André Vianna Maricato, tematiza a difamação midiática da vereadora carioca, relacionando-a ao tráfico. No trabalho, os semioticistas analisam uma das muitas postagens difamatórias divulgadas em redes sociais, elegendo para isso uma publicação no *Canal da Direita*, em 2018.

No artigo “As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica”, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa e Fábio Sadao Nakagawa mobilizam a semiótica de Iuri Lotman para refletir sobre dois modelos culturais e suas implicações quanto a práticas intolerantes e de exclusão. Negando a possibilidade da contradição como inerente aos sujeitos ou a diferença como constitutiva da identidade, os ideais de pureza e pertencimento que geraram nacionalismos e muitos genocídios ao longo do tempo podem encontrar suas raízes nessa estrutura elementar da constituição da cultura.

Em “Corpos e práticas LGBTQIA+: entre a censura e as rupturas identitárias”, Sued Lima e Taís Oliveira analisam transições sociais e midiáticas que alteram a lógica identitária que prescreve a heteronormatividade como natural e, portanto, implicativa, enquanto a homossexualidade seguiria construída como concessiva. Os autores partem de periódicos produzidos no período designado como da ditadura hétero-militar, *Snob* e *Lampião da Esquina*, num momento em que a homossexualidade era relacionada ao perigo comunista e que, portanto, atentava contra a moral da família tradicional. Esse recorte temporal evidencia a atualização de discursos que vão sendo requeentados pelo ideário conservador ecoando com virulência no contexto atual.

No quarto e último eixo, encontram-se os textos nos quais os autores apontam para a possibilidade de um *Semiótica implicada* que assuma, para além de seu propósito de teoria da leitura e da significação, uma perspectiva engajada no modo de produzir *discursos sobre os discursos*. Esse é o experimento de Regina Souza Gomes, com o texto “Estratégias semânticas no discurso do MEC e ideologia”, no qual a semioticista analisa o discurso assumido pelo site do Ministério da Educação num contexto em que ciência e educação sofrem revezes por conta de sucessivos cortes orçamentários, arbitrariedades na indicação de reitores de universidades públicas, negação da liberdade de cátedra, com sistemática desqualificação de professores e pesquisadores. Em seu artigo, Gomes prioriza para análise os textos que dizem respeito ao programa ABC – Alfabetização Baseada na Ciência – que atualizam uma política por ela denominada como “ciência de resultados”.

Encerrando o dossiê e a relação de trabalhos do quarto eixo, Matheus Schwartzmann, em “Língua, gênero e diversidade: o que tem a semiótica a ver com isso?”, retoma a questão do sexismo na língua, defendendo que a emergência de outras realidades discursivas convoca novos usos linguísticos. Na medida em que a heteronormatividade entra em questão, a língua é mobilizada para definir diferentes modos de poder e saber dizer dos sujeitos/sujeites, fazendo emergir novas isotopias, diferentes modos de ser e significar o mundo.

Que a leitura desse número possa desafiar os semioticistas já experientes e provocar naqueles que estão às margens da teoria o desejo de um mergulho mais profundo. ●

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.). *Margens, periferias, fronteiras: estudos linguístico-discursivos das diversidades e intolerâncias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância*. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011, p. 255-270.
- BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos. Interdisciplinaridade: triagem e mistura na identidade da Semiótica. In: Jean Cristtus Portela; Matheus Schwartzmann; Ivã Carlos Lopes; Waldir Bevidas. (Orgs.). *Semiótica: identidade e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 33-48.
- BOUTAUD, Jean-Jacques. *Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Hermès, 2007.
- FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. *Alea*, vol. 11, n. 1. Janeiro/junho, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/djMj5DwcxCY7wXK3nzPTwhf/>. Acesso em: 15 de out. 2022.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo, Ática, 1988.
- FONTANILLE, Jacques. La sémiosphère mise à l'épreuve de l'énonciation anthropo-sémiotique. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, vol. 14, n. 4. São Paulo, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/x9Pzft5RrTL8rVcS93zFMhJ/?format=pdf&lang=fr>. Acesso em: 15 de out. 2022.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Tradução: Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

- FONTANILLE, Jacques. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. Tradução: Matheus Nogueira Schwartzmann. *Estudos Semióticos*, vol. 12, n. 2. São Paulo, dezembro 2016. p. 1-9. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/127608/124672>. Acesso em: 15 de out. 2022.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica e ciências sociais. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Petrópolis (RJ): Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Pour une sociologie du sens commun. *Revue Romane*, n. 2, 1969.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale : recherche de méthode*. Paris : Larousse, 1966.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom : essais de socio-sémiotique III*. Paris: PUF, 2004.
- LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. *Galáxia*, n. 2. SP: PUC, 2001. p. 19-56.
- MARRONE, Gianfranco. O dizível e o indizível: através de uma estética semiolinguística. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. Tradução: Claudionor Aparecido Ritondale. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2001, p. 01-36.
- PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica e Ideologia. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 132-142, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2778>. Acesso em: 15 de out. 2022.
- PORTELA, Jean Cristtus; LOPES, Ivã Carlos. Formas de vida do semiótico. In: Edna Maria F. dos Santos Nascimento; Vera Lucia R. Abriata. (org.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014, p. 87-108.
- PORTELA, Jean Cristtus. Conversations with Jacques Fontanille. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 159-186, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1401/1101>. Acesso em: 15 de out. 2022.
- RASTIER, François. Sémiotique des sites racistes. *Mots. Les langages du politique*, 80/2006, p. 73-85.
- SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; PORTELA, Jean Cristtus. Reflexões para uma semiótica das culturas: o caso da identidade trans. In: BUENO, Alexandre Marcelo; MANZANO, Luciana Carmona; ABRIATA, Vera Lucia Rodella (org.). *As crises na/da contemporaneidade*. Franca/SP: Editora Unifran, 2017.
- SILVA, Ignacio Assis. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Breaking, deflecting, challenging: reflections for a committed semiotics

 SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira

 SILVA, Luiza Helena Oliveira da

Como citar este artigo

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. i-viii. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.3. São Paulo, December 2022. p. i-viii. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

